



**Obra publicada pela
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila
Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia
Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes
Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretora: Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2011-2012

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.
1v.

Anual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

FOTOGRAFIAS: VISUALIDADES E LEGITIMAÇÃO FOTOGRAFIAS DO CLERO CATÓLICO NA TRANSIÇÃO POLÍTICA DE 1930

Tiago de Oliveira Bruinelli*

RESUMO: Este estudo tem por finalidade abordar aspectos da participação de setores da Igreja Católica Romana na “Revolução de 1930”, um dos mais significativos eventos da história brasileira; e sua íntima relação com os poderes políticos; aquele instituído e o outro, que tomou espaço em 1930, utilizando suporte fotográfico como mais uma das fontes possíveis. O uso da fonte imagética fotográfica vem acrescentar ao que já foi pesquisado, novos ângulos, leituras e perspectivas e/ou também corroborar evidências históricas já constatadas. Para tal proposta, utiliza-se, autores que propoem o uso da fotografia como mais uma ferramenta possível na construção dos objetos históricos, como Erwin Panofsky, Peter Burke, Boris Kossov, Phillipe Dubois, Joan Fontcuberta, Vilém Flusser, entre outros.

Nos últimos tempos, muitos pesquisadores ampliaram seu leque de fontes documentais, incluindo a fotografia como um desses documentos; e aliada a uma nova forma crítica de ler o documento escrito, foi cada vez mais adotada pelos estudos históricos, o uso e a interpretação da imagem. Fotografias podem ser ricas em potencialidades, mas seu lugar na historiografia atual, conforme várias opiniões, não é ainda assegurado.¹

Fotografias podem nos aproximar dos imaginários mentais e culturais, bem como das sensibilidades de outras épocas. Elas, as fotografias, também participam da construção da memória das sociedades,

* Mestrando em História – UNISINOS. tiagobru@gmail.com

¹ Muitas das opiniões contrárias ao uso das fotografias como documento está baseada em sua *autenticidade*, em sua pluralidade de significados, o que a torna um documento árduo de ser trabalhado. Não queremos dizer aqui que ela “é” ou “não é” confiável, mas que acreditamos, assim como Peter Burke (2004), que as imagens podem apresentar diferentes graus ou formas de profundidade de análise, de acordo com a quantidade de signos disponíveis. BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

ilustrando fatos históricos ao mesmo tempo em que enriquece o estudo e o aprofundamento sobre os mesmos. Para Vilém Flusser (1989), eventos não são totalmente imortalizados em uma fotografia, apenas *parcelas* dele (Flusser, 1985).

Dessa forma, as fotografias aqui selecionadas *contam* parcelas de uma realidade. São também uma forma de discurso. As fotografias (**Imagens 1, 2 e 3**) foram publicadas pela *Revista do Globo Especial – Revolução de Outubro de 1930*, em edição de 1931. Representam um diálogo entre dois poderes: o religioso (representado pelo Cardeal do Rio de Janeiro D. Sebastião Leme) e o civil, e de certa forma, representam também uma espécie de legitimação de um pelo outro.

Era um contexto onde a influência da religião católica romana era bastante significativa. Em 1932, por exemplo, com o objetivo de articular-se com o mundo da política, grupos católicos criam a Liga Eleitoral Católica (LEC); uma estratégia em nome da "segurança da comunidade católica" e freqüentemente lembrava, nas páginas da revista *A Ordem*, as virtudes da concessão e do compromisso àqueles que se opunham a Getúlio Vargas e pretendiam formar um partido católico de oposição.

Não é de causar admiração o fato de que os revolucionários de 1930 alinharam-se estreitamente com os católicos, como veremos a seguir, para afastar, combater e negar qualquer influência comunista, uma força antagonista da Igreja Católica Romana que também cresceu e se fortaleceu na passagem das décadas de 1920 para 1930.

As fotografias, não importando a época em que foram produzidas, carregam em si, signos, que são uma forma de manifestação de cultura. Boris Kossoy (1999) já chegou a dizer que uma fotografia apresenta no mínimo duas realidades, realidade *interior* e realidade *exterior*. A primeira seria o evento em si, o que está retratado, não importa de que forma seja. A *exterior* carrega referências sobre o passado inacessível. Contudo, essas "realidades" são leituras que se pode fazer em determinados momentos.

As imagens têm – e a fotografia não foge a essa regra – a capacidade de modificar nossa visão de mundo, pois trazem em si, um "reality effect"². Essas imagens ora nos fazem sentir como protagonistas da cena, ora como meros espectadores. Para Susan Sontag (2004) a noção

² BARTHES, Roland. "Reality effect". In: BARTHES, Roland. *The rustle of language*. Oxford-Inglaterra: Blackwell, 1986. p. 145. "Efeito da realidade".

básica é a de que participemos do instante em que a imagem foi fotografada; vivenciemos aquela realidade, e nos posicionemos – a favor, contra, e talvez dificilmente neutros - em relação a ela (Sontag, 2004, p. 172).

Uma fotografia não deve ser pensada apenas como o resultado de uma técnica, de uma ação, ou mesmo da simples união desses dois elementos. Antes de qualquer coisa, é importante pensar a fotografia como um *ato*. Esse ato de produzir, é claro, não está limitado ao uso de uma técnica específica, mas inclui também, “o ato de sua recepção e de sua contemplação” (Dubois, 1993, p. 15).

Quem tira uma fotografia, escolhe determinado ângulo de visão, e determinada distância em relação ao objeto fotografado. Na busca por elementos, até o ângulo fotográfico pode nos revelar muito sobre a *intenção* de quem fotografa. Uma fotografia pode se prestar a ao que Fontcuberta (2002, p. 21) chama de “leitura tripla”; que fala do objeto em si, do sujeito e do próprio meio.

Boris Kossoy (1999) alerta ainda para o fato de que um grande número de fotografias passa por um processo de “pós-produção”, ou seja, adaptação para ser incorporada, digamos, em uma revista. Essa fotografia pode sofrer alterações quanto à sua cor, ao seu tamanho, e sofrer “cortes” que mostrem apenas determinado assunto, seguindo interesses dos mais variados, nesse caso, do editor. Muitas vezes, a mesma fotografia é utilizada para servir de exemplo a uma situação completamente antagônica àquela que servia inicialmente.

Pode ter sido o caso de alguma das fotografias aqui comentadas. Reunidas e publicadas em um periódico de destaque na ocasião, acompanhavam os textos e corroboravam seu conteúdo, mas talvez não foram *clícadas* tendo esses discursos como parâmetro.

Peter Burke (2004) nos diz que é necessária a contextualização, que para o caso das fotografias nem sempre se mostra uma tarefa fácil. Os motivos são os mais variados, pois a identidade dos fotografados, e mesmo de muitos fotógrafos é, em grande número de vezes, desconhecida.

Levando em consideração as várias propostas e abordagens sobre os usos da fotografia para a História, selecionamos algumas perguntas consideradas relevantes; e a partir das possíveis respostas, partimos para uma análise mais aprofundada. Não retomaremos o histórico de todas essas abordagens, mas traçando um paralelo rápido entre alguns autores,

a saber, Erwin Panofsky, Eduardo França Paiva e Peter Burke. Seleccionamos esses por acreditarmos que as perguntas que eles propõem a uma imagem são as que abrangem uma análise mais aprofundada. Essas perguntas englobariam as análises, *iconográfica* e *iconológica* de uma imagem. As perguntas seriam: **O quê? Quem? Onde? Quando? Como? Por quê? Para quê e Para Quem? Tema e Contextualização histórica.**

Em linhas gerais, representantes do clero de diversos estados brasileiros participaram da chamada “revolução” de 1930. Um dos mais destacados membros foi o cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme. A pedido do cardeal, o presidente Washington Luís, deposto em 1930 (visto por alguns como “revolução”), saiu do Palácio do Catete sem oferecer maior resistência.



Imagem 1. Cardeal D. Sebastião Leme no Palácio da Guanabara. Disponível em *Revista do Globo – Edição Especial: Revolução de Outubro de 1930 – Imagens e documentos*. Porto Alegre-RS: Livraria do Globo, 1931. p. 444: Reprodução da foto - minha autoria.

O quê? Fotografia em preto e branco, que mostra o Cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme no Palácio da Guanabara.

Quem? A autoria da foto é desconhecida.

Onde? De acordo com a legenda, a fotografia foi tirada em frente ao Palácio da Guanabara, no Rio de Janeiro.

Quando? O presidente Washington Luís foi deposto no dia 24 de Outubro. Como documentação de época comprova que D. Sebastião Leme estava presente, e segundo consta, foi de vital importância no sentido de convencer Washington Luís a deixar o Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. O presidente deposto foi enviado como prisioneiro ao Forte Guanabara. Como em 21 de Novembro de 1930 ele foi embarcou para um longo exílio na Suíça, em Portugal, e nos Estados Unidos, acreditamos que a fotografia foi tirada (sem data precisa) entre os dias 24 de Outubro e 21 de Novembro de 1930.

Por quê? Pelo enquadramento da foto, pelo cuidado com a disposição das pessoas, acreditamos que se trata de uma foto de caráter mais “oficial”, com o objetivo de retratar a importância da figura de D. Sebastião Leme na transição governamental. Seria aproximadamente como a figura do cardeal representar a aceitação por parte da Igreja Católica ao novo governo, que por diversas vezes, quis afastar sua auto-imagem de qualquer identificação com o comunismo.

Tema: D. Sebastião Leme vestido com seus paramentos religiosos, ladeado (lado esquerdo de quem olha) por Washington Luís, e por membros da Brigada Militar do Estado.

Contextualização histórica: Durante a década de 1920, a importância da religião católica romana no Brasil era muito significativa, sendo o Brasil o maior país católico do mundo (o que de fato ainda é). Contudo, a mesma década de 1920 também passava por um processo de crescente urbanização e secularização da cultura. Aliado a esses elementos, a fundação do Partido Comunista do Brasil enfraqueceu ainda mais a influência tradicional do catolicismo. Até mesmo diretrizes educacionais sofreram mudanças, pois agora se pensava que o ensino deveria ser leigo; sem a influência e a orientação religiosa que tinham marcado os processos educacionais até então.

Para fazer frente a tais mudanças, o arcebispo do Rio de Janeiro, dom Sebastião Leme liderou um movimento destinado a defender os ideais cristãos na vida política nacional. Foi com esse intuito que foram criados a revista *A Ordem* (1921) e o Centro Dom Vital (1922), sob a direção de Jackson de Figueiredo. Foi somente no final da década de 1920, quando Alceu Amoroso Lima assumiu a direção do Centro Dom Vital e de A

Ordem, que a Igreja conseguiu se tornar uma força político-social expressiva.

Na fotografia anterior, vemos ao centro, o cardeal D. Sebastião Leme, vestido com seus paramentos religiosos. À sua direita (esquerda de quem olha a imagem) podemos ver, usando terno escuro e chapéu claro, o presidente deposto, Washington Luís. O cardeal havia saído com ele do Palácio da Guanabara, e se dirigiria para o Forte de Copacabana, onde Washington Luís ficaria preso.

À esquerda do cardeal (direita de quem olha a imagem), podemos ver três figuras trajando uniformes militares, cujas identidades, infelizmente desconhecemos. Contudo, pode-se perceber que essas pessoas trajam uniformes da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, e, portanto, são os “vencedores” do golpe. Uma delas, inclusive, está segurando um fuzil na mão, o que poderia indicar o caráter violento do movimento. Há sutis diferenças nas fardas, o que indica também a hierarquia dos cargos militares dessas pessoas. A que está segurando a arma, usa um capacete de soldado, enquanto as outras duas usam quepes, que indicam pertencerem a uma patente de maior relevância na Brigada Militar.

Muitos elementos da fotografia “falam” por si próprios. Contudo, certas nuances talvez tenham sido utilizadas no momento de immortalizar essa imagem. O que mais uma vez, vem reforçar o argumento de que uma fotografia não é, nem de longe, uma fonte documental “imparcial”, e que seu processo de produção está carregado de significado.

No enquadramento central, em primeiro plano, está D. Sebastião Leme, ladeado por Washington Luís, e também por membros do “novo” governo. Essa posição poderia indicar a sua importância nas conversações com o presidente deposto. Poderia indicar também um servilismo a quem estiver no poder, não importa quem seja? Poderia indicar também um “jogo duplo” por parte do cardeal, uma vez que muitos membros da Igreja – tanto católica quanto protestante – participaram da “revolução” de 1930?

Além disso, pode-se perceber também, que todas as outras pessoas que estão nessa foto, do lado em que está o então ex-presidente Washington Luís, estão trajando terno. Esse elemento, por si só, pode não nos dizer nada de mais, pois o terno era uma convenção social na década

de 1930. Do lado em que estão os membros da Brigada Militar, nenhuma pessoa está trajada da mesma forma.

Vemos além dos militares, um homem da etnia negra, vestido com roupas que nos parecem desalinhadas – vestidas às pressas para a fotografia, talvez? E à extrema direita de quem olha, vemos uma criança. Parece-nos que há aqui uma clara dicotomia. Teria sido essa a intenção do fotógrafo? Separar os “poderosos” de um lado, associando-os ao poder que havia sido derrubado?

É através de interpretações – sejam elas de fontes escritas ou imagéticas – que necessariamente lançamos nossa visão dos acontecimentos históricos, sejam eles passados ou presentes. É através dessas impressões que criamos noções de *real* sobre algum evento, e também é possível deixar – implícita ou explicitamente – um posicionamento sobre esse mesmo evento.



Imagem 2. Cardeal D. Sebastião Leme no Palácio do Catete. Disponível em *Revista do Globo – Edição Especial: Revolução de Outubro de 1930 – Imagens e documentos*. Porto Alegre-RS: Livraria do Globo, 1931. p. 444: Reprodução da foto - minha autoria.

O quê? Fotografia em preto em branco, onde aparece o Cardeal D. Sebastião Leme, ladeado por membros do novo governo “vitorioso” com a “revolução” de 1930.

Quem? A autoria da foto é desconhecida.

Onde? Presumivelmente, como nos indica a legenda da fotografia disponível na *Revista do Globo Especial*, de 1931, ela foi tirada na escadaria do Palácio do Catete, no Rio de Janeiro.

Quando? Na fotografia, além de D. Sebastião Leme, aparecem membros da Junta Governativa (como por exemplo, Tasso Fragoso, à direita do cardeal, esquerda de quem olha a imagem), que entregam mais tarde o poder a Getúlio Vargas. A deposição do presidente Washington Luís se deu no dia 24 de Outubro, e a entrega do poder pela Junta Governativa foi em 02 de Novembro; portanto acredita-se que a fotografia foi tirada entre essas duas datas.

Por quê? Por contar também com elementos que lembrem uma fotografia “oficial”, pode ter sido de apenas ilustrar o momento e a nova orientação política daquele momento. Contudo, a presença do cardeal, que diretamente não fazia parte do governo, dá um tom de aceitação por parte da Igreja Católica Romana sobre o novo governo.

Tema: Na fotografia aparecem o Cardeal D. Sebastião Leme, e membros da Junta Governativa, como Mena Barreto, Tasso Fragoso e o Almirante Isaías, que entregaria o poder a Getúlio Vargas.

Contextualização histórica: Em 31 de outubro, precedido por três mil soldados gaúchos, Vargas desembarcou no Rio, de uniforme militar e com grande chapéu gaúcho, sendo recebido com uma manifestação apoteótica de apoio. Finalmente, em 3 de Novembro de 1930, Vargas tomou posse como chefe do Governo Provisório.

O primeiro ministério do Governo Provisório mostrava a heterogeneidade do grupo que apoiou a “revolução” e refletia os compromissos dos revolucionários. Foram mantidos os três ministros nomeados pela junta militar em 24 de outubro, a saber: Leite de Castro (Guerra), Isaías de Noronha (Marinha) e Afrânio de Melo Franco (Relações Exteriores). Osvaldo Aranha, o principal articulador da “revolução”, ficou com o Ministério da Justiça; Juarez Távora foi escolhido, como representante dos “tenentes”, para a pasta da Viação e Obras Públicas; José Maria Whitaker, banqueiro paulista do café, ligado ao PD, ficou com o Ministério da Fazenda; Assis Brasil, líder do PL gaúcho, assumiu o

Ministério da Agricultura. Para os dois novos ministérios criados logo após a vitória da “revolução”, o da Educação e Saúde Pública e o do Trabalho, Indústria e Comércio, foram respectivamente nomeados o mineiro Francisco Campos e o gaúcho Lindolfo Collor.

O Governo Provisório foi reconhecido logo na primeira semana pelas principais potências estrangeiras e a vitória da “revolução” completou-se com o exílio de Washington Luís, de Júlio Prestes e de outras personalidades ligadas à situação deposta.

Na fotografia anterior, vemos novamente a figura do cardeal D. Sebastião Leme, dessa vez em fotografia tirada no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. À direita do cardeal (esquerda de quem olha a imagem) está o general Tasso Fragoso e do seu lado, outro religioso – cuja identidade não se descobriu – e no seu lado posto, o general Mena Barreto, e o almirante Isaías.

Note-se que nessa fotografia, o cardeal já não parece ter a mesma “função” de mediador entre o antigo governo e o novo governo, uma vez que ele está ladeado por Tasso Fragoso e Mena Barreto, membros da Junta Governativa Provisória, que cederia o poder à Getúlio Vargas em poucos dias.



Imagem 3. *Getúlio Vargas conversa com D. Sebastião Leme no Palácio do Catete. Disponível em Revista do Globo – Edição Especial: revolução de Outubro de 1930 – Imagens e documentos. Porto Alegre-RS: Livraria do Globo, 1931. p. 443: Reprodução da foto - minha autoria..*

O quê? Fotografia em preto e branco, onde aparece o já empossado Getúlio Vargas, conversando com D. Sebastião Leme.

Quem? A autoria da foto é desconhecida.

Onde? Possivelmente no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro.

Quando? Não é possível dar uma data precisa de quando a foto foi tirada. Ao que tudo indica, a fotografia foi tirada logo após a posse de Getúlio Vargas, portanto, depois dos dias 02 ou 03 de Novembro de 1930.

Por quê? O Brasil era naquele momento, o maior país católico do mundo. O Partido Comunista havia sido fundado em 1922, e tinha-se presenciado na Rússia o fortalecimento do comunismo; tudo nos indica, por essa fotografia, que houve grande preocupação em legitimar também “religiosamente” o movimento de outubro. Mais do que apenas figurar em fotografias juntamente com Getúlio Vargas – o novo presidente – membros do clero, sobretudo gaúcho, tiveram outras preocupações em mente. Os poderes, religioso e civil andaram de mãos dadas.

Tema: Getúlio Vargas e D. Sebastião Leme conversam em um dos aposentos do Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Presume-se que depois da posse, o cardeal tenha feito visita solene ao novo presidente.

Contextualização histórica: Em março de 1930, no Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, líder do PRR, reconheceu a vitória de Júlio Prestes, dando por encerrada a campanha da oposição. No entanto, as articulações dos opositoristas prosseguiram vindo a resultar, no mês de outubro, na “revolução” de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder. Contudo, ainda em 1922, já havia outras forças opositoristas ao governo instituído. O Partido Comunista do Brasil (PCB) foi fundado em março de 1922 com o objetivo principal de promover no Brasil uma “revolução” proletária que substituísse a sociedade capitalista pela sociedade socialista. Em 1925, a famosa Coluna Prestes já começava a sua marcha pelo interior do Brasil.

O Movimento Operário, fortalecido por uma grande greve em São Paulo, em 1917 quando mais de 70 mil trabalhadores cruzaram os braços, relacionava-se diretamente à vitória dos comunistas na “revolução” Russa. Ao contrário dos anarquistas, que viam o Estado como um mal em si, os comunistas o viam como um espaço a ser ocupado e transformado. Essas concepções os levaram, seja na ilegalidade, seja nos breves momentos de vida legal, a buscar aliados e participar da vida parlamentar do país.

No início da década de 1930 o PCB se negou a dar apoio à “revolução” de 1930, por considerar o movimento uma simples luta entre grupos oligárquicos. Nessa época teve início, sob o estímulo da Internacional Comunista, um processo de mudanças no PCB caracterizado pela crítica à política de alianças promovida nos anos anteriores.

Assim, os “revolucionários” de 1930 fizeram grande questão de se afastar da imagem de comunistas. Primeiro, porque não se identificavam com sua orientação política, segundo, porque não recebiam de fato, apoio dos mesmos.

Nessa fotografia, o já empossado presidente por sua Junta Governativa, Getúlio Vargas, conversa com o cardeal D. Sebastião Leme. É importante lembrarmos que logo quando Luis Carlos Prestes declarou tendências esquerdistas e comunistas, outros líderes da “revolução” de 1930 dele se afastaram. Além do mais, é sabido também das tensas relações entre comunistas e muitos membros do clero católico, sobretudo gaúcho.

Uma dessas personalidades religiosas foi o arcebispo de Porto Alegre, D. João Becker. Na *Revista do Globo*, datada de 1931, portanto contendo um discurso totalmente favorável aos vitoriosos do movimento de 1930, nos diz que D. João Becker foi, “incançável, em sua fãina apostólica de Vigário de Cristo, queria a paz, procurando por todos os meios lícitos, armonizar a família brasileira, acalmar os ânimos” (REVISTA DO GLOBO, 1931, p. 426).

Conta-se ainda no mesmo documento, que D. João Becker tentou dissuadir Washington Luís, em uma longa e enérgica carta, a assumir uma posição mais cordial antes de eclodir, de fato, a “revolução” de 1930. A *Revista do Globo* nos relata que, “o potentado do Catete estava iludido, ou funjia não conhecer a situação. Julgando-se inespugnável, riu talvez, ao receber a carta de nósso préclaro Antistite” (REVISTA DO GLOBO, 1931, p. 426).

Aqui já podemos perceber uma sutil mensagem do autor do documento. Se Washington Luís tivesse dado ouvidos aos apelos da Igreja, talvez aquele derramamento de sangue não tivesse sido necessário. E é claro que sendo a *Revista do Globo* editada no Rio Grande do Sul, a importância de D. João Becker teria sido elevada ao máximo, tornando o discurso religioso e “gauchista”. E foi justamente esse Washington Luís, alheio às orientações da Igreja que foi deposto. Haveria aí também, alguma

mensagem de caráter subliminar do autor da reportagem da referida revista? Se uma fotografia é polissêmica, percebe-se pelo tom aplicado na matéria, que um documento escrito também o é, sendo possível extrair dele uma série de indagações e interpretações.

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

A despeito de todas as dificuldades e “armadilhas” propostas pelas fotografias, há de se reconhecer sua importância crescente como documento histórico. Algumas, pela quantidade de signos, apresentam maiores possibilidades de leitura e informação do que outras. Foi possível verificar isso nas fotografias aqui comentadas; algumas, quando “amarradas” ao contexto histórico, possibilitam maiores chaves de leitura do que outras.

As fotografias como um todo; são passíveis de análise, leitura e interpretação. É possível aplicar a elas estratégias semelhantes de verificação (e validação ou não) daquelas aplicadas a textos escritos. Ambas as fontes – fotografias e textos escritos – apresentam suas armadilhas, são carregados de significados e são, em grande medida, polissêmicos. Isso também ficou evidente na relação proposta entre as fotografias e passagens textuais de documentos de época – ambos fortemente marcados por entrelinhas de caráter subjetivo.

Dessa forma, desconsiderar um desses tipos documentais é desconsiderar suas potencialidades. A fotografia como documento histórico não é uma moda, nem um folclore, nem algo exaurido da História. Pode-se considerá-la um caminho novo e complementar de outros métodos de trabalho dos historiadores. Cada fonte documental exige um tipo de “leitura” para ser compreendida. Em busca de uma maior compreensão histórica, cabe aos historiadores melhor aprender a lê-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *“Reality effect”*. In: BARTHES, Roland. *The rustle of language*. Oxford-Inglaterra: Blackwell, 1986.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru-SP: EDUSC, 2004.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas-SP:

Papirus, 1993.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo-SP: HUCITEC, 1985.

FONTCUBERTA, Joan. *El beso de Judas – Fotografía y Verdad*. Barcelona-Espanha: GG, 2002.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 1999.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2004.

Revista do Globo – Edição Especial: revolução de Outubro de 1930 – Imagens e documentos. Porto Alegre-RS: Livraria do Globo, 1931.